

O sintoma e depois?

È uma historia assim banal que somente a evocarla faz até voce sentir uma vergonha jutificada: “Vai ainda ao psicanalista? – Nao, terminei – Entao, nao faz mais xix ina cama? – sim , mas agora nao me importo.

Dito isso, se nao ha o witz sem uma verdade que a revela, nesse ultimo caso parece de qualquer forma claramente muito atual, como nossas observações sobre o sintoma parecem se aproximar dele, com seu incuravel, a sua necessidade de estrutura, aquilo que alguns tem de mais verdadeiro, o irreduzível da singularidade d um: “eu sou isso”, etc. Nao falta o “saldo cinico” è de fato improvavel que um tal sujeito que se encontra cheio de um parceiro com o qual divide a cama durante um periodo de tempo estritamente regulamentado.

O sintoma tomaria entao seu lugar revelando a sua função de parceiro efetivo de um sujeito sempre em exilado da relação sexual e ao qual o real oferece tudo exceto refugio?

È verdade que aqueles que costumamos chamar de parceiros da vida se revelam nao confiaveis e ainda menos eficazes no lugar quel he atribuimos para que tratem adequadamente nosso corpo.

A analise permite perceber que se pedia a eles nada menos que o impossivel , que uma vez considerado , se revela sem importancia. È conhecido desde sempre que a analise redistribui as ligações da libido, mas em que medida as reelabora. Se è relativamente facil responder a essa pergunta do lugar de analista no discurso que a determina , o que dizer em relação ao “psicoanalizado” bem “sintomatizado” com a Escola – e com os outros se ainda resta alguém? A sublimação certamente, mas è suficiente para perceber isso?

Marc Strauss